

Escola de Linguística de Outono 2021

Rolezinho Linguístico

Olá! Bem-vindo à segunda atividade olímpica da décima Escola de Linguística de Outono: o Rolezinho Linguístico!

Esta atividade é em grupo e vale 90 dos 360 pontos possíveis durante a ELO. Para esta atividade, você deverá desenvolver uma investigação empírica a partir de uma pergunta de pesquisa da Linguística.

Cada grupo tem 4 participantes, sorteados entre os participantes da ELO que confirmaram participação nesta atividade. Cada grupo trabalhará em um dos quatro campos de pesquisa possíveis para este rolezinho: **kamulundu**, **masanganu**, **kubanza**, **kitangana**. Cada campo tem um orientador, dentre professores de instituições federais, e será trabalhado por dois ou três grupos, a serem escolhidos pelos times.

Para executá-la, você tem uma semana: de 01 a 08 de maio de 2021. Para isso, você poderá contar com a ajuda e feedback de seu(s) orientador(es), bem como de toda bibliografia confiável que você tiver disponível. O calendário da atividade é o seguinte:

- *Qua, 28 abr:* **Sorteio dos times**, anunciado no grupo dos participantes.
- *Sex, 30 abr:* **Escolha dos campos** de pesquisa por cada time.
- *Sab, 1 mai (16:30):* **Reunião inicial**: Apresentação do cronograma e conversa inicial com os orientadores de cada campo.
- *Ao longo da semana:* Preparação dos experimentos, coleta dos dados, análise dos dados, preparação da apresentação.
- *Ao final da semana:* **Encontro com os tutores** para análise de dados e treinamento da apresentação.
- *Sab, 8 mai (16:30):* **Apresentação dos trabalhos**: Pitch inicial + sessão de pôsteres virtuais.

No encontro inicial, os orientadores ajudarão a avaliar, orientar e esclarecer pontos obscuros, bem como a delimitar o objetivo específico e os métodos de coleta e análise. Ao longo da semana, eles ficarão disponíveis, através de um grupo de mensagens específico, para ajudar na coleta e análise, bem como assistir à apresentação previamente e ajudar a melhorá-la. Os encontros intermediários entre grupos e orientadores serão marcados em cada caso. É permitido o uso de qualquer material teórico, ficando a cargo dos estudantes providenciarem-no, caso julguem necessário.

O trabalho final será apresentado em dois passos:

- Um **pitch oral**, em que cada grupo apresentará para os demais, em 90 segundos, os pontos essenciais da sua pesquisa.
- Uma **sessão virtual de pôsteres**, nos canais de voz e vídeo do ambiente virtual da OBL no Discord. Para esta etapa, cada grupo poderá preparar uma apresentação mais completa do seu trabalho, com as seguintes restrições:
 - A apresentação completa, descontando perguntas, deve durar até 7 minutos;
 - Como apoio visual, pode-se utilizar no máximo 5 páginas de slide (+ slide de capa + slide com bibliografia essencial);
 - Cada slide pode ter no máximo 15 palavras de texto escrito, descontando-se preposições e conjunções. Os dados coletados e os exemplos do experimento, quando escritos, não contam para este limite. Números e símbolos matemáticos também não contam.
 - De uma forma geral, recomendamos dar preferência a esquemas visuais, imagens e gráficos, na apresentação.

Cada trabalho receberá uma pontuação, atribuída da seguinte forma:

- **60 pontos** de avaliação por um júri especialista, entre pesquisadores e alunos de pós-graduação. Cada um deles dará uma nota de 0 a 20 seguindo a grade de Critérios de Avaliação do Rolezinho Linguístico.
- **20 pontos** de avaliação pelos outros grupos. Cada grupo deve avaliar todos os outros trabalhos sendo apresentados no dia, exceto o seu, seguindo os mesmos critérios do júri especialista.
- **10 pontos** de auto avaliação. Cada grupo deve, ao final do processo, reunir-se e decidir conjuntamente uma nota de 0 a 10 para cada um de seus membros.

Os demais detalhes serão conversados com os respectivos tutores.

Boas investigações!

Estes temas e bibliografia foram concebidos por Ana Carolina dos Santos Cardoso, Dayane Alves Wiedemer, Janaína Weissheimer, João Paulo do Nascimento, Juliana Novo Gomes, Márcio Martins Leitão, Marcos Luiz Wiedemer, Nahendi Almeida Mota, Paulo Ricardo Oliveira Ramos, Priscilla Tulipa e Suelen Costa da Silva.

Campo Kamulundu

(monte, em kimbundu)

Orientadoras:
Suelen Costa da Silva (CEFET-MG)
Priscilla Tulipa (CEFET-MG)

Por que o mineiro “abandona palavras no meio do caminho”?

Para o mineiro Carlos Drummond de Andrade, “tinha uma pedra no meio do caminho”/ “no meio do caminho tinha uma pedra”. Drummond, como bom e velho falante das Minas Gerais, poderia reformular seus versos para: “tinha uma palavra no meio do caminho/ no meio do caminho tinha uma palavra”. Isso porque uma característica atribuída ao falar mineiro, percebida por falantes das diversas variedades do português, é o “comer as palavras” ou “abandonar palavras no meio do caminho”, como afirma Felipe Peixoto Braga Netto, em um trecho do texto intitulado [Sotaque Mineiro: é ilegal, imoral ou engorda?](#):

Os mineiros têm um ódio mortal das palavras completas. Preferem, sabe-se lá por que, abandoná-las no meio do caminho (não dizem: pode parar, dizem: pó parar. Não dizem: onde eu estou?, dizem: ôndôtô?). Parece que as palavras, para os mineiros, são como aqueles chatos que pedem carona. Quando você percebe a roubada, prefere deixá-los no caminho.

Ainda na citação acima, o autor diz não saber por que falantes mineiros preferem abandonar palavras e deixá-las no caminho. Em contrapartida, falantes de várias regiões do Brasil – curiosos em saber o porquê desse “abandono” – devem questionar: Por que o mineiro “come palavras” ou por que o mineiro “abandona palavras no meio do caminho”? Essas perguntas, do ponto de vista científico e linguístico, podem ser (re)formuladas da seguinte forma: **Quais fenômenos variáveis [de supressão] ocorrem no falar mineiro de Belo Horizonte?**

Com base na pergunta de pesquisa acima, esta proposta tem por objetivo analisar quais fenômenos variáveis de supressão – aférese, apócope, síncope e haplologia – ocorrem no falar mineiro, especialmente no de Belo Horizonte. É válido considerar as seguintes etapas:

- a. Coletar dados do falar mineiro, especificamente o de Belo Horizonte, por meio de entrevistas sociolinguísticas (os falantes serão indicados pelos tutores);
- b. Transcrever os dados de fala e, depois, categorizá-los com base no tipo de supressão (aférese, apócope, síncope e haplologia);
- c. Analisar os dados e apresentar respostas para a pergunta de pesquisa.

Bilinguismo: *code-switching* nas redes sociais

Considera-se que os sistemas linguísticos do aprendiz bilíngue compartilham um único espaço de memória na mente e, em função disso, é normal esperar-se interferências de um sistema sobre o outro, fenômeno conhecido como **co-ativação interlinguística**. Quando o aprendiz está em processo de desenvolvimento linguístico, é comum haver evidências da mistura de códigos (*code-mixing*), ou seja, a interferência que geralmente resulta em enunciados orais que se distanciam da norma gramatical, como, por exemplo, em *'I have 10 years old'*. O falante bilíngue geralmente não demonstra consciência deste fenômeno, uma vez que o sistema da L2 ainda não se encontra suficientemente consolidado para que tal monitoramento aconteça.

No entanto, à medida que o bilíngue se torna proficiente e fluente, um outro tipo de interferência linguística começa a emergir, a alternância deliberada entre códigos (*code-switching*), como, por exemplo, em *'Teacher eu não fiz o homework'*. O *code-switching* pode ocorrer no nível lexical ou sintático e os constituintes são ordenados da mesma forma em ambos os idiomas, garantindo a coerência linear da estrutura da sentença, sem omitir ou duplicar o conteúdo. No caso do *code-switching*, o bilíngue desenvolve aos poucos a habilidade de monitorar os sistemas linguísticos e controlá-los, inibi-los e permitir sua interação de acordo com o ambiente, contexto e pessoas com quem se comunica. Estudos revelam que quanto mais proficientes os bilíngues são, mais uso de *code-switching* eles fazem, como estratégia de interação social.

Os fenômenos de *code-mixing* e *code-switching* denotam um complexo e avançado nível de processamento linguístico e cognitivo, embora pareçam, principalmente aos olhos leigos, uma salada ou confusão linguística. A ideia de salada e confusão linguística advém justamente do uso de uma régua monolíngue para se “medir” o bilíngue. Se adotarmos, ao contrário, uma visão heteroglósica do bilinguismo, entenderemos que as línguas que compõem o nosso repertório linguístico constituem um sistema integrado, dinâmico, em emergência e co-ativação. Desta forma, o que para alguns parece confusão e mistura aleatória é na verdade a interação de dois sistemas linguísticos, que formam um único repertório, e assim, são passíveis de ativação paralela.

A partir dessas considerações, para a realização deste estudo, sugere-se coletar nas redes ou comunidades sociais (Reels, Tiktok, Reddit, Twitch, etc.) excertos de fala de sujeitos bilíngues para investigar: **Quem faz *code-switching*, como e por quê?** Os passos para realizar essa investigação seriam os seguintes:

- a. Encontrar nas redes ou comunidades sociais vídeos ou textos em que o fenômeno apareça;
- b. Selecionar os exemplos que mais se sobressaem;
- c. Analisar os dados, pensando: quem faz *code-switching*? Que motivos levam o falante a utilizar esse recurso? De que forma é possível perceber a materialização linguística desse fenômeno? Que efeito de sentido é produzido ao se utilizar essa estratégia de comunicação? Que conhecimentos e sistemas devem ser mobilizados pelo falante no processo em questão?

Processamento de sentenças ambíguas

Quando lemos uma frase, geralmente sabemos se ela é ou não gramatical; por exemplo, se lemos “O menino vendeu a bicicleta” e “Menino o bicicleta a vendeu”, reconhecemos rapidamente a primeira como sendo gramatical e a segunda como sendo agramatical para o português. No entanto, ao lermos uma sentença como “Alguém atirou no empregado da atriz que estava na varanda”, vemos que, apesar de a frase ser gramatical, há duas possibilidades de estruturação sintática. Na primeira, *alguém atirou no empregado que estava na varanda*; na outra, *a atriz é quem estava na varanda*.

A linguística, dentre outros fenômenos, estuda o processamento sintático de estruturas ambíguas, em que uma sentença perfeitamente gramatical permite mais de uma interpretação. O estudo do processamento linguístico visa a entender como ouvimos ou lemos frases em termos de processos cognitivos: será que, quando lemos uma frase ambígua, processamos e interpretamos com base em alguma preferência, ou com base em alguma estratégia cognitiva, por exemplo, de economia? Há teorias de processamento sintático que vão dizer que preferimos uma das duas estruturas possíveis baseadas em menor custo de processamento. Esse é o caso das orações relativas ambíguas, como no exemplo clássico do parágrafo anterior. Este tipo de sentença já foi vastamente estudado em diferentes línguas, inclusive no português brasileiro. Apesar disso, as investigações sobre o processamento da ambiguidade sentencial não se limitam às orações relativas ambíguas, mas se estendem a vários outros tipos de sentenças ambíguas.

Neste Rolezinho, vocês devem investigar: **os falantes de língua portuguesa têm preferência de processamento em relação a sentenças estruturalmente ambíguas?** Para isso, vocês deverão escolher um tipo de sentença ambígua em Português, construir um experimento *offline* ou *online* e executá-lo. O grupo poderá escolher uma das estruturas sugeridas abaixo ou investigar uma estrutura a partir da sua experiência linguística:

- *Orações relativas*: Alguém atirou no empregado da atriz *que estava na varanda*
- *Encaixe de sintagma preposicional*: O policial viu o turista *de binóculo*
- *Adjunção de adjetivos*: O pai visitou o filho *embriagado*
- *Verbo – Adjetivo*: Mãe *suspeita* de assassinato do filho
- *Complemento*: A cozinheira ajudou o chefe *preparando o prato*.

Levando em consideração os achados das teorias de processamento sobre sentenças estruturalmente ambíguas, as possibilidades de estruturação e interpretação deste tipo de sentença, vocês devem construir e executar o experimento seguindo os passos metodológicos utilizados pela área da Psicolinguística Experimental ou Processamento Linguístico. Os passos são:

- a. Definir um *design* experimental para testar a preferência dos brasileiros sobre essas frases;
- b. Compor um *design* experimental que contenha, além do fenômeno linguístico escolhido (processamento de sentenças ambíguas), a(s) variável(is) independente(s) que será(ão) manipulada(s), a técnica experimental que será utilizada, a(s) variável(is) dependente(s) que será(ão) aferida(s) e as condições experimentais;
- c. Descrever os objetivos e as hipóteses com base na literatura existente;
- d. Descrever os resultados e interpretá-los.

Campo Kitangana

(tempo, em kimbundu)

Orientadores:

Marcos Luiz Wiedemer (UERJ/FAPERJ)

Ana Carolina dos Santos Cardoso (UERJ)

Dayane Alves Wiedemer (UERJ)

João Paulo do Nascimento (UERJ)

Nahendi Almeida Mota (UERJ/Capes/Cap-UERJ)

Paulo Ricardo Oliveira Ramos

Gramaticalização de preposições atípicas

Um das questões da linguística diz respeito a como as gramáticas são criadas e renovadas. Sobre isso, podemos nos perguntar: De onde vêm as palavras mais gramaticais, como conjunções e desinências verbais? Como foram formadas? Procurando responder a essas perguntas, diversos estudos identificaram um processo de mudança linguística chamado **gramaticalização**, em que elementos do léxico se tornam elementos da gramática, ou em que elementos que já possuíam funções gramaticais se tornam ainda mais gramaticais.

Um exemplo bastante famoso de processo de gramaticalização no português brasileiro é a formação do tempo futuro, em que temos o seguinte percurso:

cantabo > cantare habeo > cantarei ~ hei de cantar ~ vou cantar ~ canto

(CÂMARA JR., 1986, p. 121)

Inicialmente, a forma sintética que o latim usava para conjugar o tempo futuro foi substituída por uma perífrase, utilizando o verbo no infinitivo junto ao verbo “*haver*”. Em seguida, o verbo *habere*, usado, então, como modal deontico (*laudare habeo*, ‘hei de louvar’, ou seja, ‘devo louvar’), passou a ser usado, tanto em português quanto em outras línguas românicas, como morfema temporal (louvar – ei). Através da trajetória da gramaticalização, por volta do século XII, a perífrase foi compactada, à medida que passava a indicar um sentido de futuridade. No século XV, a forma já era de uso coloquial para expressar predição, sendo admitida dentro do discurso formal e literário nos séculos XVI e XVII (FLEISCHMAN, 1982, p. 82 apud Rocha Santos, 2021).

Para estudar este tipo de fenômeno, os linguistas frequentemente recorrem a bancos de textos de diferentes séculos, comparando a forma como certas estruturas são utilizadas nestes textos. Alguns bancos interessantes, que podem ser usados para este fim, são o [Córpus Diacrônico do Português](#) (textos do século XIII ao XX), [Corpus do Português](#) (textos dos séculos XV ao XX), [Corpus do GMHP](#) (literatura dos séculos XVI a XX), [Tycho Brahe](#) (textos entre 1380 e 1881), [Corpus Informatizado do Português Medieval](#) (textos dos séculos IX ao XVI), e a [Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin](#).

Considerando o processo de gramaticalização, a proposta de pesquisa nesse rolezinho é analisar os elementos tradicionalmente classificados como preposições acidentais/atípicas. Algumas dessas palavras são, por exemplo: *afora*, *atento*, *como*, *conforme*, *consoante*, *durante*, *exceto*, *fora*, *mediante*, *não obstante*, *posto*, *salvante*, *salvo*, *senão*, *segundo*, *tirante*, *visto* e *tipo*. Mais precisamente, a questão é: **como se deu, historicamente, o desenvolvimento gramatical das preposições acidentais/atípicas?** Para alcançar a resposta, encorajamos os participantes da OBL a executar os seguintes passos:

- Coletar dados em *corpora* diacrônicos, começando pelo século XX e avançando para séculos mais antigos;
- Analisar e descrever os dados de acordo com fatores morfossintáticos e discursivo-funcionais;
- Questionar a validade da classificação “preposição acidental/atípica”.

Referências para consulta

Campo Kamulundu

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque (Org.). **O português falado em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Viva Voz, 2013.

ASSIS, Aline Rabelo. **Apagamento de vogais pretônicas no POBH- Norma Culta**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski; ROST-SNICHELOTTO, Claudia Andrea; TAVARES, Maria Alice. **Como o brasileiro acha que fala?** Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Señal* - Revista del Instituto de Lingüística 28: 65-87. 2015.

MENDES, Regina Maria Gonçalves. **A haplogia na oralidade do português de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

Campo Masanganu

FINGER, Ingrid; BRENTANO, Luciana; FONTES, Ana Beatriz. **Neurociências, Psicolinguística e Aprendizagem de Línguas Adicionais: um diálogo necessário no contexto da educação do século 21**. In: MAIA, Marcus. *Psicolinguística e Educação*, Mercado de Letras, 2018.

ORTIZ-PREUSS, Elena. **Produção de fala bilíngue: o processo de seleção lexical**. In: ORTIZ-PREUSS, Elena; FINGER, Ingrid (Orgs.). *A Dinâmica do Processamento Bilíngue*. Pontes, 2018.

POPLACK, Shana. **Code-switching**. *Soziolinguistik. An international handbook of the science of language*, 2nd edition, ed. by U. Ammon, N. Dittmar, K.J. Mattheier & P. Trudgill. Berlin: Walter de Gruyter, 2004.

Campo Kubanza

MAIA, Marcus; FINGER, Ingrid. (Org.) **Processamento da Linguagem**. Pelotas, RS: EDUCAT, 2005.

LEITÃO, Márcio. **Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem**. In: Martelotta, Mário Eduardo. (org.) *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAIA, Marcus. (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

Campo Kitangana

LEHMANN, Christian. **New reflections on grammaticalization and lexicalization**. In: WESCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. p. 1-29, 2002.

LEHMANN, Christian. **A auxiliarização de ficar: linhas gerais**. In: ALMEIDA, Maria Clotilde; SIEBERG, Bernd; BERNARDO, Ana Maria (eds.). *Questions on language change*. Lisboa: Colibri; p. 9-26, 2008.

WIEDEMER, Marcos Luiz; OLIVEIRA, Myllena Paiva Pinto de. **O estatuto categorial das preposições acidentais/atípicas: a proposição dos “relatores circunstanciais” como classe gramatical**. *Confluência*. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 59, p. 105-138, jul.-dez. 2020.